

# MIGRAÇÃO E DISCURSO LITERÁRIO:

## Imagens e Representações nos anos 30

Ana Regina Ribeiro Bastos\*  
Helion Póvoa Neto\*\*

### Introdução

Um rápido olhar por certos discursos que, no momento atual, apontam "culpa-dos" pela crise econômica revela que, mais uma vez, os migrantes estão sendo chamados à responsabilidade. Tal como em outros momentos de nossa história, as migrações aparecem como *problema*, a ser sanado em prol da ordem social que se

pretende preservar.

Esta culpabilização não é feita, entretanto, sem grandes dificuldades para os acusadores. Afinal, o conjunto de processos sociais a que damos o nome de "migração" envolve grandes massas populacionais, as quais encontram-se, quase sempre, na condição de vítimas preferenciais dos problemas pelos quais são responsabilizadas.

Os movimentos migratórios estão, por outro lado, profundamente imbricados com o processo mesmo de formação da sociedade brasileira, não sendo possível isolar os fenômenos sociais e imaginá-los tal como se não existisse o "fator" migração. Afinal, para agregar um dado numérico, calcula-se que, hoje, cerca de um quarto (1/4) dos brasileiros habitam municípios que não os de sua origem.

Multiplicam-se, entretanto, as manifestações contra o excessivo "inchamento" urbano, bem como contra as "hordas" que, nas metrópoles (e, cada vez mais, nas cidades médias) incomodam nosso olhar, clamando por soluções urgentes. Não é difícil localizar algumas das razões pelas quais o cidadão comum sente-se ameaçado por este problema social, que através de algumas distorções acaba por se confundir com a ques-

tão migratória: inúmeras imagens através das quais tal questão é atualmente veiculada reforçam o sentimento de rejeição aos migrantes, negando-se quase sempre a encarar as causas mais profundas do problema.

### As Imagens do Migrante

Nosso objetivo é o de apontar, brevemente, para algumas imagens através das quais têm sido mostrados os migrantes no Brasil; consideramos que as mesmas, presentes em outros momentos históricos, possuem ainda hoje uma força muito grande, tendendo a ganhar destaque em momentos de crise. Escolhemos para análise as décadas de 30 e 40, dentro do período que ficou conhecido como a "Era Vargas"; voltamos nossa atenção, preferencialmente, para discursos que envolveram a questão da migração nordestina, partindo de escritores e de representantes do Estado.

A opção por um momento específico e por uma dada região parte do diagnóstico de que este é, na vida nacional, um período no qual a questão da migração assume, por razões a serem examinadas mais adiante, um destaque especial. O Nordeste consiste, por sua vez, em um espaço cujo reconhecimento nacional veio associado à figura dos migrantes; foram estes que, fazendo-se presentes em diversos pontos do território, forçaram ao reconhecimento, por parte da sociedade brasileira, de uma questão regional nordestina.

Não é simples lidar com um tema ligado ao imaginário social. Consideramos, como ponto de partida, que imagens e mensagens permeiam nossa sociedade, tendo as mesmas "o poder de sugerir aos indivíduos de um grupo, de maneira viva e marcante, objetos ou idéias"<sup>(1)</sup>. Tais imagens são veiculadas tanto pelos mais modernos veículos de comunicação de massa quanto pelo ensino, pela literatura e pelo discurso político, bem como através da combinação dos mesmos. Trata-se de um



Foto: Dirceu Cutti

“mundo” muitas vezes dominado pelo simbólico, no qual os agentes buscam, através de seus discursos, a adesão para causas ou movimentos.

Propomo-nos a analisar discursos que, nas décadas de 1930/40, colocaram em causa a questão das migrações nordestinas tomando-as como problema social a ser enfrentado ou como tema a ser tratado literariamente. Na verdade, as duas perspectivas não se excluem, já que a obra de um escritor só pode ser devidamente apreciada se contextualizada às questões que marcaram o momento de sua produção. Inversamente, a obra literária constitui-se em referencial para debates e posicionamentos quanto aos temas abordados. Encontramos, nesse sentido, farto material para análise em romances de Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos e Jorge Amado, a partir dos quais selecionamos algumas passagens<sup>(2)</sup>.

### As Migrações nos Anos 30/40

Os deslocamentos migratórios vêm fazendo parte do processo mais geral de ocupação do território brasileiro. A atenção por eles merecida tem sido diretamente proporcional à percepção da importância do trabalho dos migrantes dentro do processo de desenvolvimento. Nesse sentido, as migrações foram sempre uma realidade, embora nem sempre tenham se constituído num *problema migratório*<sup>(3)</sup>. Durante todo o século XIX, e na maior parte da Primeira República, as atenções estiveram voltadas, prioritariamente, para a questão da imigração estrangeira.

Isso se explica pelo próprio projeto nacional das elites que, descrentes da capacidade do trabalhador nacional (representado, basicamente, pelo nordestino) e empenhadas numa hipotética “melhoria da raça” brasileira (eugenia), consideravam como prioritária a importação dos chamados “braços para a lavoura”. Os nordestinos mereciam atenção somente quando chegavam ao Centro-Sul ecos de tragédias no chamado “Norte”, como a seca de 1877 (que motivou a transferência de milhares de cearenses para a Amazônia) ou quando da revolta de Canudos, no fim do século. Esta última, por sinal, motivou toda uma onda literária “sertanista” (da

qual a obra de Euclides da Cunha é o exemplo mais consistente) e vem alimentando, até hoje, uma série de estereótipos aos quais continuam a ser associados os nordestinos.

Se não ocorria uma valorização dos nordestinos como trabalhadores qualificados, podia ser notada, por parte das elites e de seus ideólogos no aparelho de Estado, uma preocupação bastante nítida com a questão do povoamento do território brasileiro. Este era percebido, no momento enfocado, como um grande vazio a ser ocupado produtivamente. Por quem? Os trabalhadores imigrados, se satisfaziam às necessidades da cafeicultura, não pareciam os mais adequados, por sua qualidade de estrangeiros, para o adequado preenchimento de um espaço que deveria representar a nacionalidade. Os nacionais, e os nordestinos em particular, possuíam qualidades que, se eram indiscutivelmente “nossas”, constituíam problema para o desenvolvimento agrícola pretendido: eram tidos como indisciplinados, praticantes de técnicas irracionais e tendentes ao nomadismo, à desordem e ao fanatismo. Estas imagens, dando conta de atributos associados à “herança indígena”, alimentaram e foram alimentadas por discursos de escritores, jornalistas e representantes de instituições que atuavam na região nordestina<sup>(4)</sup>.

A visão acima mencionada justificava, segundo diversos autores, os cuidados que deveriam ser tomados com os migrantes nordestinos, especialmente aqueles atingidos pelo flagelo da seca. Transcrevemos, a título de ilustração, uma declaração, datada de 1939, do então chefe da Inspetoria Federal de Combate às Secas (IFOCs, posteriormente DNOCS), José Guimarães Duque:

*“O flagelado... é o símbolo do Nordeste - o homem que se perdeu no espaço. Ele é o problema social da região. (...) Ai do Nordeste se este homem não for conduzido a melhores dias. Ignorante, porém maleável nas mãos de quem tenha sobre ele ascendência moral, ele é o campo de cultura das doutrinas destruidoras inoculadas pelos agentes que melhor conhecem, no mundo, a psicologia humana e o manejo das massas descontentes.”*<sup>(5)</sup>

Socialmente desvalorizados, compreendidos segundo concepções racial e geo-

graficamente deterministas, os nordestinos migravam, cada vez mais, rumo ao Centro-Sul, constituindo já nos anos 30 um fluxo mais importante que o dos imigrantes estrangeiros. Poucos eram, todavia, os esforços de contextualização de sua mobilidade em termos dos processos que tinham lugar em sua região de origem.

### A “Geração de 30” e o Contexto Social da Migração

As décadas de 30 e 40 foram marcadas por consideráveis esforços no sentido da reinterpretação da realidade social brasileira; não é difícil imaginar o quanto os debates e movimentos culturais da época foram obrigados a lidar com as concepções vigentes, segundo perspectivas as mais diversas. Obras como *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre (1933), *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Hollanda (1935) e *Evolução Política do Brasil*, de Caio Prado Júnior (1933) são hoje unanimemente apontadas como marcos do esforço intelectual de repensar o Brasil.

Enquanto obras como as citadas propunham-se a fornecer novos parâmetros científicos para análise, um grupo de escritores nordestinos reivindicava, a partir da literatura, um lugar ao sol nos debates que então se travavam. Realizando o que foi classificado como “um grande protesto literário contra o modo ‘prussiano’ de modernizar o país”<sup>(6)</sup>, tais autores tematizavam, de forma crítica, a estrutura agrária desigual, as relações de poder no meio rural e a enorme dívida da sociedade para com os nordestinos. A migração de retirantes aparecia, então, com cores dramáticas:

*“...e através da caatinga, cortando-a de todos os lados, viajava uma inumerável multidão de camponeses. São homens jogados fora da terra pelo latifúndio e pela seca, expulsos de suas casas, sem trabalho nas fazendas, que descem em busca de São Paulo, Eldorado daquelas imaginações. Vêm de todas as partes do Nordeste na viagem de espantos, cortam a caatinga abrindo passos pelos espinhos, vencendo as cobras traiçoeiras, vencendo a sede e a fome, os pés calçados nas alpargatas de couro, as mãos rasgadas, os rostos feridos, os corações em desespero. São milhares e milhares se sucedendo sem parar. É uma*

viagem que há muito começou e ninguém sabe quando vai terminar porque todos os anos os colonos que perderam a terra, os trabalhadores explorados, as vítimas das secas e dos coronéis, juntam seus trapos, seus filhos e suas últimas forças e iniciam a jornada."(7)

A seca não é mais a grande responsável; a aridez e a desolação referem-se a todo o quadro social, esse sim o grande flagelo... As condições aviltantes de trabalho conjugam-se à crise climática como detonadores da decisão de partir:

"Fabiano olhava a caatinga amarela, onde as folhas secas pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos e os garranchos se torciam, negros, torrados. (...) Mas, quando a fazenda se despovoou viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinheiro que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se no mundo, como negro fugido."(8)

A descrição da paisagem sertaneja, realizada algumas décadas antes por Euclides da Cunha, era enriquecida com a colocação central de seus elementos sociais; as relações de trabalho passavam a aparecer com o mesmo destaque conferido à caatinga. Tanto quanto o clima, era "seca" a própria vida... Ao retirante restava, após a partida, a convivência, "qual negro fugido", com o estigma da desqualificação social.

### Questão Agrária e Migração

As relações de poder no mundo rural e a injusta distribuição de terras eram temas que, paulatinamente, se impunham, embora só posteriormente viessem a constituir o campo de debates designado como "questão agrária". As citações que se seguem constituem, por sua vez, discursos sobre a constatação de sua existência, o estado de submissão do sertanejo e, finalmente, sua revolta; dão conta de situações que podem, entre outras possibilidades, desembocar na decisão de migrar:

"São homens e mulheres que trabalham dia e noite, mourejam na enxada, cavoucam a terra, plantam e colhem, são semi-escravizados à fazenda, à qual têm que vender sua colheita e onde têm que comprar seus mantimentos..."

"E a mão servil, acostumada à sujeição do trabalho, estendeu-se maquinalmente num pedido..."



"Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele."(9)

Chamava-se, assim, a atenção para o aparente paradoxo na atuação do Estado Brasileiro no que respeitava à questão da terra: conviviam, até o início dos anos 30, políticas explícitas de assentamento para imigrantes nos núcleos coloniais e reduzido apoio ao trabalhador nacional. Os centros agrícolas para retirantes, da IFOCS, e a "Marcha para o Oeste", durante o Estado Novo, representaram uma tomada de posição quanto à vinculação das migrações com o problema agrário. Oscilava-se, todavia, entre a promoção do estigmatizado migrante nacional e a continuidade da "opção pelo imigrante". A política de acesso a terra para o trabalhador nacional teve, conseqüentemente, reduzidos resultados práticos, dando sentido, portanto, à obra de denúncia dos romancistas de 30.

O migrante nordestino não era tido como "inútil" para todas as tarefas: sempre associado à poderosa imagem veiculada por Euclides da Cunha, que afirmava sua

"fortaleza", o sertanejo retirante era convocado a oferecer seu trabalho para a extração da borracha na Amazônia, região para a qual não se cogitava do "superior" trabalhador imigrante. Em "O Quinze", um personagem examina esta possibilidade:

"Depois o mundo é grande e no Amazonas sempre há borracha".

Para, mais adiante, considerar outro destino:

"Eu já tenho ouvido contar muita coisa boa de São Paulo. Terra de dinheiro, de café..."(10)

Progressivamente, os nordestinos iam também ocupando postos de trabalho na região da cafeicultura, especialmente nas tarefas menos "nobres" e nas áreas pioneiras, para as quais não se contava tanto com os estrangeiros. O fato era que a repentina interrupção do fluxo de imigrantes por ocasião da Grande Guerra obrigara fazendeiros e empresários urbanos a passarem por cima de seus preconceitos, destinando empregos aos nacionais.

### O Medo do Migrante

Se o trabalho dos nordestinos se fazia necessário, não é menos verdade que havia o temor de um completo descontrole na migração para o Sudeste, especialmente por ocasião da ocorrência de secas. Para este temor concorriam os estereótipos negativos já mencionados, e que por vezes reduziam os sertanejos quase que à condição de irracionalidade. Era preciso, portanto, disciplinar os flagelados, aglutinando-os nos chamados "campos de concentração"(11), a partir de onde se faria uma triagem que encaminharia apenas os mais aptos às frentes de trabalho. Tal política estreou por ocasião da grande seca que ocorreu no início do governo Vargas:

"A preocupação dos governos, em 1932 como em 1877, bem como dos que se lhe decorreram, intermediariamente, era afastá-los das capitais e das grandes cidades; era libertá-las, quanto antes, daquelas invasões de bárbaros moribundos que infestavam o Brasil, porque a concentração de retirantes, na capital, fora o fantasma horrendo que havia perseguido a todos os administradores."(12)

Os campos de concentração deveriam portanto cumprir uma função de "filtros"

Os campos de concentração deveriam portanto cumprir uma função de “filtros” selecionadores dos migrantes que se mostrassem “dignos” de aproveitamento produtivo. Também nesse particular, existe o registro da literatura:

“Armado com um cartãozinho do bispo e um bilhete particular de Conceição à senhora que administrava o serviço, Chico Bento conseguiu obter o ambicionado lugar no açude do Tauape.”

“Conceição passava agora quase o dia inteiro no Campo de Concentração, ajudando a tratar e vendo morrer às centenas as criancinhas lazarentas e trôpegas que as retirantes atiravam no chão, entre montes de trapos, como um lixo humano que aos poucos se integrava de todo no imundo ambiente onde jazia.”(13)

Rejeição e utilização produtiva: entre estes dois extremos parece oscilar, dos anos 30 até o presente, nossa atitude frente aos migrantes. Dilema ainda longe de ser resolvido; cabe perguntar se algum dia o será, nos quadros de uma sociedade marcada pelo conflito entre espacialização e desespacialização de homens, “livres” para se deslocarem em busca do trabalho que pode ser tanto negado quanto oferecido em condições degradantes.

“Quando rapazinho na fazenda, com a rebelia que o lançara em busca de Lucas Arvoredo para entrar em seu bando, pensara que nada de mais desgraçado podia existir no mundo que a caatinga de secas e de fome. Na Amazônia, no coração da selva, ao lado dos grandes rios, vendo o povo nu, camponeses sem ter o que vestir, cortando os seringais, compreendia que a miséria era comum a todos eles, era a única coisa que existia com fartura em toda parte.”(14)

A experiência de que é possível mudar de lugar sem que, por isso, a vida mude para melhor está expressa no texto acima. Ela corresponde a uma vivência de milhões de brasileiros que, não a exprimindo literariamente, utilizam-na no repensar e refazer do dia-a-dia. Podemos, no momento, apenas especular sobre os rumos futuros desta consciência. O fato é que a migração prossegue, premida entre necessidade e ilusão.

“Pouco a pouco uma vida nova, ainda confu-

sa, se foi esboçando. Acomodar-se-iam num sítio pequeno, o que parecia difícil a Fabiano, criado solto no mato. Cultivariam um pedaço de terra. Mudar-se-iam depois para uma cidade, e os meninos frequentariam escolas, seriam diferentes deles.(...) Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era.(...) E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, iníteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos.”(15)

\* Ana Regina R. Bastos é Profa. do Colégio Pedro II e do Colégio de Aplicação da UERJ. Desenvolve, no momento, o Mestrado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo.

\*\* Helion Póvoa Neto é Prof. da UERJ e da PUC/RJ. Desenvolve, no momento, o Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo.

## NOTAS E BIBLIOGRAFIA

1- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. “Terra sem Males e Paraíso Perdido: Brasil e Europa na visão de um brasileiro do início do século XIX, em PEREIRA DE QUEIROZ, M.I.(org.). *O Imaginário em Terra Conquistada*. São Paulo, CERU, 1993 (pág.77).

Fizemos referência, ainda, a algumas expressões utilizadas por ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. “A Construção Literária de Minas Gerais: dimensões literárias”, em PEREIRA DE QUEIROZ, *op.cit.*

2- A investigação a respeito das representações geográficas presentes na obra dos romancistas nordestinos da geração de 30 integra a pesquisa que a autora atualmente desenvolve para o Mestrado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo.

3- Utilizamos a expressão no sentido empregado por Carlos Vainer em “Política Migratória Recente no Brasil: notas para um debate”, em *Cadernos PUR/UFRJ* ano I n. 1, jan./abr.1986.

4- Uma tentativa de análise histórica da produção e manipulação de tais estereótipos por parte de instituições governamentais como o Departamento Nacional de Obras contra as Secas pode ser encontrada na dissertação de Mestrado desenvolvida pelo autor, *Nordeste, Nordestinos - Quetão Migratório e Política Regional*, defendida em 1988 pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

5- DUQUE, José Guimarães. “O Fomento da Produção Agrícola”, em *Boletim da IFOCS*, vol.2 n.2, abr./jun.1939.

6- COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil*. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1990 (pág.24).

7- AMADO, Jorge. *Seara Vermelha*. São Paulo, Livraria Martins Editora (pág.43); o original é de 1946.

8- RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. São Paulo, Record, 1979 (pág.116); o original é de 1938.

9- As citações são, respectivamente, de:

- AMADO, Jorge. *op. cit.* (pág.38)

- QUEIROZ, Raquel de. *O Quinze*. Rio de Janeiro, José Olimpio, 1987 (pág.35); o original é de 1930.

- RAMOS, Graciliano. *op. cit.* (págs.95/6).

10- QUEIROZ, Raquel de. *op. cit.* (págs. 18 e 80).

11- É importante ter claro que a expressão, embora indicasse o grau de controle que se buscava exercer sobre os retirantes, não possuía ainda o significado adquirido após a Guerra.

12- CUNHA, Arnaldo Pimenta da. “Pela Unidade da Pátria”, em *Boletim da IFOCS*, vol.14 n.1, 1940 (pág.142). O autor baseia-se em um texto de Euclides da Cunha.

13- QUEIROZ, Raquel de. *op. cit.* (págs.73 e 94).

14- AMADO, Jorge. *op. cit.* (pág. 243).

15- RAMOS, Graciliano. *op. cit.* (págs.125/6).

Q  
U  
I  
N  
Z  
E  
N  
A

Trabalhadores, greves, organização patronal da produção, saúde e segurança no trabalho, contrato coletivo, sindicatos, CUT, terra, mulher, moradia, igreja progressista, partidos democráticos e populares, economia e política nacional e internacional. Se você precisa de Opinião, Análise e Informação quinzenal sobre estes assuntos, então você precisa do Boletim QUINZENA.

## IMPRESINDÍVEL

LIGUE CPV E FAÇA SUA ASSINATURA

CPV - Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro  
Caixa Postal 65.107 - CEP 01390-970 - São Paulo-SP  
Fone: (011) 285-6288 / 283-2640